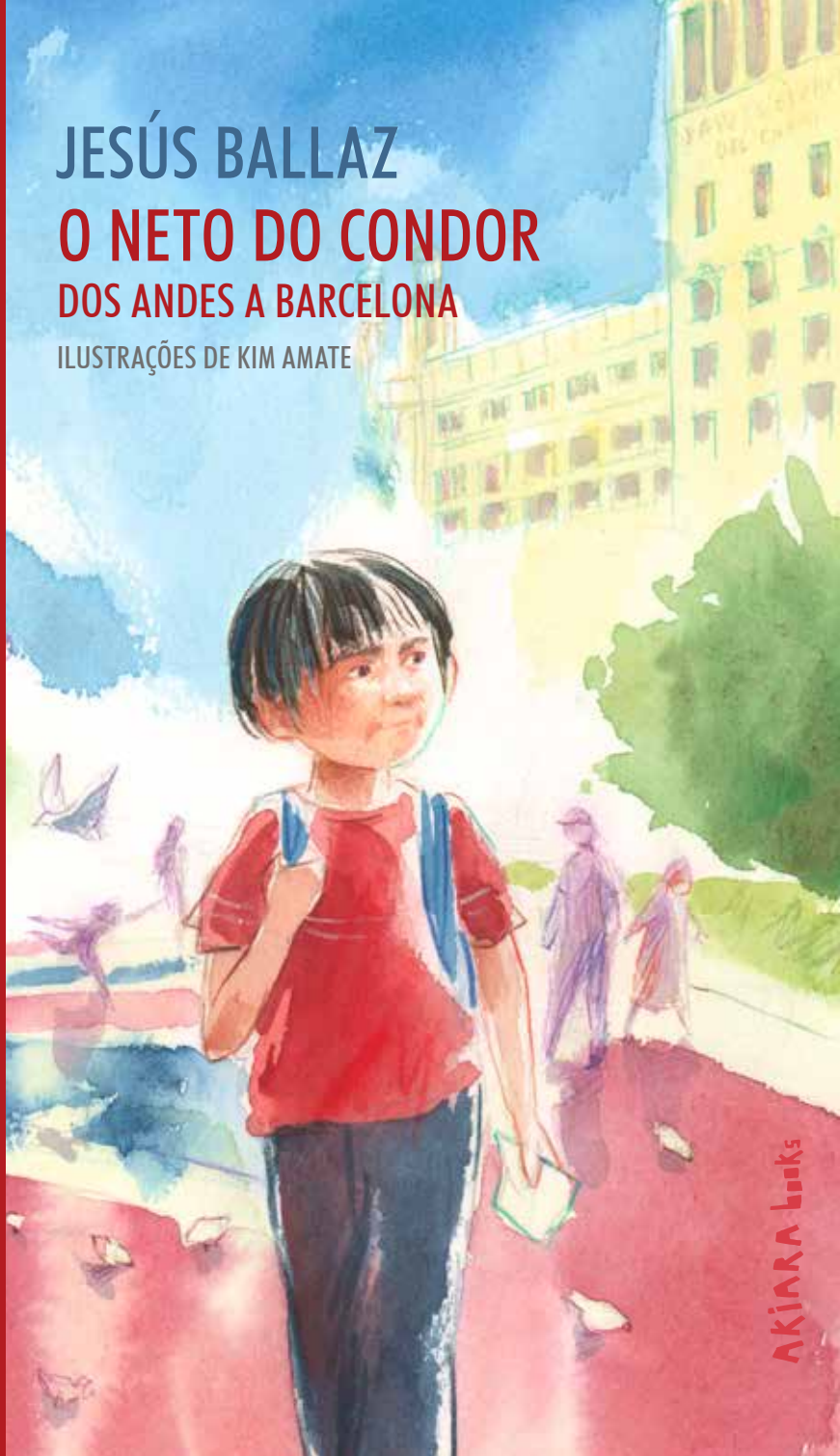


JESÚS BALLAZ  
**O NETO DO CONDOR**  
DOS ANDES A BARCELONA

ILUSTRAÇÕES DE KIM AMATE





**JESÚS BALLAZ**  
**O NETO DO CONDOR**  
**DOS ANDES A BARCELONA**

ILUSTRAÇÕES DE KIM AMATE

Título original: *El nieto del Condor*

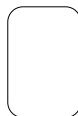
Publicado por AKIARA books  
Plaça del Nord, 4, pral. 1.<sup>a</sup>  
08024 Barcelona (Espanha)  
[www.akiarabooks.com/pt](http://www.akiarabooks.com/pt)  
[info@akiarabooks.com](mailto:info@akiarabooks.com)



© 2021 Jesús María Ballaz Zabalza, pelo texto  
© 2021 Joaquim Amate López, pelas ilustrações  
© 2021 Catarina Sacramento, pela tradução  
© 2021 AKIARA books, SLU, por esta edição

Primeira edição: junho de 2021  
Coleção: Akinarra, 3  
Direção editorial: Inês Castel-Branco

Este produto foi feito com material que provém de florestas certificadas FSC®, geridas de forma responsável, e de materiais reciclados



Este livro foi impresso em papel Arena Natural Rough de 90 g/m<sup>2</sup>, a capa em papel Imitlin E/R55 Aida Neve de 125 g/m<sup>2</sup>, colada sobre cartão de 2 mm, as guardas são de cartolina Pop'Set de 120 g/m<sup>2</sup> e usaram-se as fontes Celeste Pro Book, Frutiger75 Black e Futura MdCn BT.

Impresso em Espanha: @Agpograf\_Impressors  
Depósito legal: B 9.700-2021  
ISBN: 978-84-17440-91-6  
Reservados todos os direitos

## Índice

Uma carta inesperada	5
O prenúncio de uma maldição	11
O já distante terramoto	15
Perseguindo os seus sonhos	23
Maldita mecha branca	29
Um bilhete de avião	35
O voo do neto do Condor	41
O que dizia a carta?	47
Querida mãe e querido Nahuel	51
A chegada	55
Rumo ao centro da cidade	63
Quem enviou o bilhete?	67
Um céu sem estrelas	75
O homem da mala com rodas	81
Um pássaro sem ninho	87
A Roxana	91
Que rica fruta!	99
Um novo neto	107

Comida quente	113
O parzinho	119
A Roxana tem uma nova mãe	125
No duro banco	129
Jardinagem Alegre	133
Intenções ocultas	141
Não me apanharão!	151
Noite de estrondos e pólvora	157
Um encontro ruidoso	163
<i>Reflexões</i>	175
<i>Quem é quem?</i>	178

## **Uma carta inesperada**

**E**ra dia 12 de maio.

Uma carrinha desconjuntada, pesada e barulhenta subia pela estrada sinuosa. O pó avermelhado ocultava a sua cor original, que ninguém saberia adivinhar qual teria sido.

O Nahuel, em plenos Andes, seguia com olhar de pássaro o lento movimento do veículo. Era tão raro alguém chegar até ali acima, onde voavam os condores!

Na cabina viajavam o condutor e um menino. Atrás, na caixa aberta da carrinha, baliavam tristemente seis magras ovelhas atadas pelas quatro patas. As seis ruminavam fome porque não tinham nada que mastigar.

Quando estavam prestes a chegar a sua casa, o Nahuel saiu e foi ao encontro deles. O menino, à medida que crescia, começava a sentir-se o escudo da avó, tantas vezes a tinha defendido contra vizinhos e estranhos.

— Ei! O que andam à procura por aqui? — gritou, encarando os recém-chegados.

O miúdo, rechonchudo e de rosto largo, já tantas vezes tivera de mostrar o seu mau génio para que não o humilhassem... Apesar disso, não se teria sentido tão seguro se não tivesse notado nas costas o alento da mamã-grande, a sua avó Quiteria.

Ela esperava atrás, bem erguida, empunhando uma vara. Os recém-chegados não lhes tinham dado motivos para terem medo deles, mas o pavor às vezes alimenta-se de histórias que perduram na mente como fumo de recordações.

O condutor saltou da furgoneta com um envelope na mão. Sorriu para quebrar a frieza do acolhimento e cravou a vista na cordilheira antes de dar uns passos em frente. De trás dele saiu o menino. Não teria mais de seis anos. Correu em direção a um arbusto e deixou escapar ali mesmo um rio amarelo.





— Quiteria Ocos? — perguntou o recém-chegado.

— Eu mesma.

O homem entregou-lhe o envelope sem soltar uma única palavra. Ela, surpreendida, também não conseguiu dizer nada. Há muito tempo que ninguém chegava até ali com um papel em seu nome.

A mulher esteve quase a confessar-lhe que não sabia ler, mas foi travada pela presença de Nahuel e pela lembrança das suas palavras taxativas: «Nunca deves revelar que não sabes ler, avó. Iriam abusar de ti.»

Os dois viajantes regressaram ao veículo desconjuntado. Despediram-se acenando com as mãos e a carrinha partiu monte abaixo levando a mesma nuvem de pó que a tinha acompanhado ao subir.

O Nahuel ficou a olhar para o envelope que a avó segurava nas mãos.

— Despacha-te a aprender a ler, filho. Logo que saibas, conseguiremos entender tudo.

— Já sei ler — replicou o miúdo com orgulho.

— Mas ainda não lêes tudo seguido...

A mulher não se fiava totalmente nele. Temia que inventasse notícias ou que não lhe contasse



tudo o que ali vinha. Além do mais, não queria que o neto se apercebesse do que dizia a carta. A filha podia contar-lhe coisas que talvez não fosse conveniente o miúdo saber. Porque de quem poderia vir a carta senão da sua filha Alfonsina?

disseram. Até se benzeu, durante alguns troços do trajeto, quando viajava debaixo da terra, como as toupeiras, mas a uma velocidade endiabrada.

O que teria para contar à avó, se um dia voltasse para a cordilheira!



## **Quem enviou o bilhete?**

Como se acordasse de um sonho, o Nahuel viu-se no meio de uma praça quase toda lajeada. Os canteiros de relva, as árvores e a água de uma fonte eram as únicas coisas que não lhe pareciam estranhas.

Quanto ao restante, incluídas as coisas mais elementares na vida de uma cidade, teria de aprender tudo. Até o surpreendia ter de esperar que se iluminasse o olho verde de uma coluna de metal para atravessar a rua.

Os ruídos dos motores, os incessantes movimentos de autocarros e de gente faziam-no sentir como um lama num baile. O assombro não o abandonava. E estava assustado. Nem por um momento se separava da sua mochila azul, tudo o que possuía.



Percorreu alguns troços das ruas circundantes, onde viu lojas, livrarias, hotéis... Agora percebia o que significavam exatamente esses nomes.

Na sua mão esquerda acariciava um papelinho. Era a sua única segurança. Nele levava escrita a morada da sua mãe.

Encheu-se de coragem, mostrou-o a uma senhora idosa de rosto amável e perguntou-lhe:

— Em que direção tenho de ir para chegar à Passagem Roger de Flor?

— Ui, terás de caminhar uns vinte minutos — lamentou-se a mulher, antes de lhe dar indicações.



Vinte minutos não era quase nada para quem se tinha regido até esse momento pelos tempos da natureza.

Com as indicações que a senhora lhe dera, o Nahuel localizou a ruazinha em menos de um quarto de hora. Parou diante do número 10. Era uma casa de dois andares, de fachada branca, entre dois blocos mais altos.

Não sabia como tocar. Não via a campainha da porta. Mais uma vez, a insegurança dominava-o. Contudo, sentia-se agitado por uma grande emoção. Podia estar muito perto da sua mãe.

Bateu à porta com os nós dos dedos. Abriu-a um senhor de idade, corpulento, ligeiramente encurvado, vestido com uma camisa às riscas azuis e brancas. Olhou-o com um misto de curiosidade e dureza.

— Venho à procura da Alfonsina Malú — murmurou o rapaz quase num sussurro.

O medo comia-lhe a voz.

O homem ficou desconcertado. Sem saber o que responder, virou a cabeça para o interior e gritou:

— Clara, vem cá um momento. Está aqui um rapazinho a perguntar...

— A perguntar o quê? — ouviu-se ao fundo uma voz de mulher muito enérgica.

Apareceu à entrada uma senhora forte numa cadeira de rodas. Um pano escuro cobria-lhe as pernas. O carrapito de cabelo quase branco enroscado no alto da cabeça dava-lhe um ar de pessoa de carácter. Ao ver o rapaz, adoçou o sorriso.

— O que queres, menino?

— Estou à procura da Alfonsina Malú.

A mulher pôs-se alerta. O rapaz notou e reagiu como o mexilhão que fecha as conchas perante a mínima ameaça.



— É tua mãe?

— Sim. Trago esta morada — insistiu. — Não vive aqui?

— A Alfonsina! Sim, vivia aqui até há alguns dias. Mas foi-se embora de surpresa sem nos dizer para onde ia.



Os maxilares do menino adquiriram nesse instante a rigidez de uma estátua de pedra. O seu rosto ficou branco. Ao mesmo tempo, algo lhe ruiu por dentro. Assomaram-lhe as lágrimas.

— Tu és o Nahuel? Que rapaz tão bonito! — reagiu a senhora.

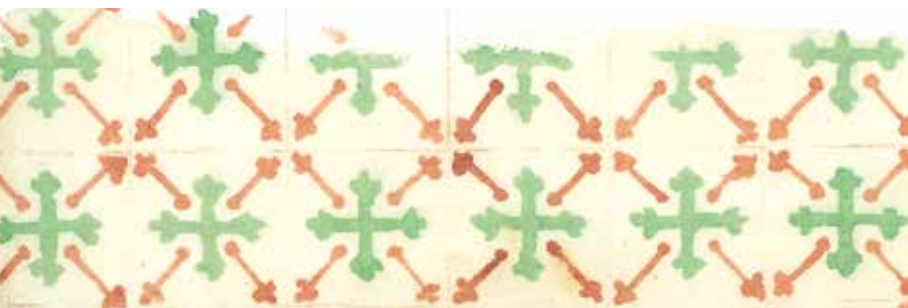
Levantou as mãos para o abraçar, mas ele chegou-se para trás.

— Podes ficar aqui até a encontrarmos — interveio o homem, ao ver o seu desconcerto.

Mas o rapaz já tinha dado meia-volta e desaparecido por onde viera com a rapidez de uma pequena fera selvagem.

Clara e o seu marido entreolharam-se, acusando-se mutuamente do desgraçado desfecho daquele encontro.

— Porque é que enviaste o bilhete de avião sem dizer nada à mãe dele? — recriminou-a ele. — Armaste uma boa confusão! O que irá acontecer agora a este menino?



— Quem é que ia pensar que a Alfonsina se iria embora de casa? Pensei que ela ficaria muito feliz por ter o filho aqui...

— Já vêes no que deu! Falava nele por falar. Nunca teve intenção de o trazer — refletiu o homem. E de repente, como que assaltado por um pensamento que a si mesmo o surpreendia, acrescentou: — E se ela se foi embora porque sabia que o filho viria e não queria recebê-lo? Não é possível que tenha visto o bilhete?

— Eu não lho mostrei — retorquiu a mulher.

— Mas ela metia o nariz onde não era chamada... Deste-lhe demasiada confiança.

— Até há poucos dias, pensaste que ela agiria assim? Quem é que podia imaginar esta saída?

Enquanto os dois discutiam, o Nahuel percorria a passo largo o caminho de volta à praça da Catalunha, o único lugar de Barcelona que conhecia.

Começava a anoitecer. As luzes das ruas acenderam-se de rompante. «Com tanta luz, aqui não



é possível haver noite», pensou ele, que nunca vira algo semelhante.

As velas, movimentadas antes, iam ficando vazias. O cansaço ia-se abatendo sobre ele. Tinha sido um dia demasiado longo e repleto de emoções, algo difícil de resistir.

Já na praça, abeirou-se de um banco que estava livre e sentou-se nele. Noutra assento, um homenzinho enrugado estava a acabar de comer uma sanduíche. Depois, guardou as suas coisas no saco que tinha aos pés, estendeu uma manta em cima do banco, benzeu-se e deixou-se cair sobre ela.

Uns instantes mais tarde, dormia como um bebé.

## **Um céu sem estrelas**

O Nahuel estava triste e angustiado. Tentava resistir às lágrimas que lhe chegavam aos olhos.

Prestes a render-se ao sono por exaustão, o som de uma sirene despertou-o. Viu passar luzes amarelas e ouviu apitos alarmantes.

Já não dormiu. Todos os seus sentidos permaneciam alerta. A noite tornou-se eterna. Por sorte, não fazia frio nem chovia. Mas teve mais medo do que se por ali tivesse ouvido rondar algum coiote.

Quando amanheceu e começou a ver gente pela rua, partiu em busca da sua mãe. Ia sem rumo de um lugar para outro, não se permitia descansar nem um instante. Precisava dela. Estava sozinho e desorientado.

Um menino de dez anos chega sozinho a Barcelona, onde trabalha a sua mãe. Mas houve uma confusão. Passam os dias e não a encontra. Desde logo compreende que não tem outra casa além de um banco numa praça.

A vida numa aldeia dos Andes e o ritmo de uma cidade europeia, as esperanças de uma criança e a dureza da rua, a amabilidade e a distância, o medo e a festa impregnam as páginas deste relato.

Uma homenagem às muitas histórias ocultas da imigração e um convite a refletir sobre o acolhimento.

